

# ANÁLISE COMPARATIVA DA POSIÇÃO DE SALVADOR E DO ESTADO DA BAHIA NO CENÁRIO NACIONAL \*

Barbara-Christine Nentwig Silva \*\*

---

## INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

---

Uma das características mais marcantes da realidade brasileira atual é a sua organização econômico-social e espacial, fundamentada em um amplo sistema de regiões metropolitanas atuando em quadros regionais relativamente bem definidos e funcionando de forma interdependente. Com efeito, a metropolização expressa muito bem as características da nova estrutura econômico-espacial brasileira como resultado dos complexos mecanismos de mudança da economia e da sociedade ocorridos nas últimas décadas, sobretudo em função do crescimento do processo de industrialização e da expansão das fronteiras econômicas determinando uma integração da economia, inclusive em nível es-

pacial, e uma maior complexidade do setor de serviços.

Estes mecanismos foram implementados sobre uma estrutura preexistente bastante diversificada regionalmente, com relação à base econômica, e pouco integrada nacionalmente. A progressiva consolidação de uma região mais industrializada e bastante dinâmica, o Sudeste, passou a exigir, pouco a pouco, a integração do mercado brasileiro, justificando, desta forma, o desenvolvimento dos sistemas de transporte e de comunicação.

Evidentemente, como resultado deste processo, os ritmos e as características do crescimento são também bastante diferenciados, do ponto de vista econômico e demográfico, sobretudo em sua primeira fase. Com a progressiva integração e homogeneização deste processo de mudança, as grandes diferenças de crescimento tenderiam, por hipótese a ser testada neste trabalho, a diminuir em período recente.

---

\* Recebido para publicação em 11 de janeiro de 1991.

\*\* Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Este trabalho contou com o apoio do CNPq/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e com a colaboração do geógrafo Jaimeval Caetano de Souza, bolsista de aperfeiçoamento do CNPq/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A questão básica que se coloca, portanto, é a de se tentar identificar se Salvador, com sua região de influência, em função do porte do seu processo de industrialização recente, está conseguindo reverter (mesmo parcialmente) ou não o elevado grau de primazia metropolitana, do ponto de vista demográfico, e de polarização das atividades de comando da economia nacional concentradas no Sudeste. Esta questão da reversão da polarização tem sido tratada particularmente em nível das mudanças nas atividades produtivas propriamente ditas, sobretudo industriais, a partir da contribuição pioneira de Richardson (1980), testada no Brasil por Azzoni (1986). Nosso propósito, entretanto, é o de destacar os indicadores tamanho-demográficos e distribuição das atividades dirigentes em nível nacional e regional.

Assim, pretendemos, neste texto, mostrar inicialmente o dinamismo do ponto de vista demográfico a partir do exemplo de Salvador e, em outra parte, o dinamismo de Salvador, como metrópole, e do Estado da Bahia através da análise de suas funções de direção. Entendemos que estes dois aspectos são indicadores importantes das questões econômico-espaciais atualmente em curso no Brasil.

Desta forma, os objetivos deste trabalho são:

a) analisar o crescimento demográfico de Salvador e de sua região metropolitana, comparando-o com outras capitais brasileiras e regiões metropolitanas para verificar até que ponto o crescimento de Salvador se diferencia ou se assemelha ao das outras capitais e regiões metropolitanas do Brasil; e

b) analisar as mudanças recentes ocorridas na distribuição das sedes das principais empresas privadas e públicas, destacando a posição da Região Metropolitana de Salvador e do Estado da Bahia.

Utilizamos, para esta análise, a população presente segundo os municípios das capitais no período 1872-1980 de acordo com os dados do IBGE. Os dados demográficos referem-se aos anos 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980. Na análise das empresas, trabalhamos com as informações dos principais anuários econômico-financeiros do País, sobretudo para o período de 1974 a 1988.

## POPULAÇÃO E NÍVEIS HIERÁRQUICOS

Em 1872, a maior capital dos 19 estados existentes era o Rio de Janeiro, que também era a capital do País, com 274 972 habitantes, seguida de Salvador com quase a metade da população do Rio de Janeiro, ou seja, com 129 109 habitantes. Nesta época, Recife ocupou, com 116 671 habitantes, o 3º lugar dentre os maiores municípios das capitais e São Paulo somente o 10º lugar na hierarquia.

Em 1890, os três maiores municípios das capitais guardaram, com o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, a mesma ordem, mas destaca-se São Paulo, que avançou rapidamente para o 4º lugar na ordem hierárquica.

Em 1900, Salvador caiu para o 3º lugar, enquanto São Paulo ocupou a 2ª posição hierárquica, sendo que o Rio de Janeiro continuou em 1º lugar. Em 1920, guardou-se a mesma ordem hierárquica.

No ano de 1940, Recife passou a ocupar o 3º lugar, de Salvador, e esta, por sua vez, tomou o 4º lugar, de Recife. Esta mesma ordem hierárquica, com o Rio de Janeiro em 1º lugar, seguido de São Paulo, Recife e Salvador, ficou inalterada em 1950.

Foi somente em 1960 que São Paulo, mantendo seu elevado ritmo de crescimento, atingiu o 1º lugar, seguido, em 2º lugar, pelo Rio de Janeiro. Recife conservou o 3º lugar e Belo Horizonte avançou para o 4º lugar, deixando Salvador em 5º lugar.

Em 1970, com São Paulo e Rio de Janeiro em posições hierárquicas inalteradas, Belo Horizonte subiu para o 3º lugar e Recife desceu para o 4º lugar. Salvador ficou inalterada no 5º lugar. Foi somente em 1980 que Salvador reconquistou o 4º lugar que apresentava em 1940 e 1950 (Tabela 1).

Assim, podemos observar que, no posicionamento hierárquico, Salvador passou do 2º lugar, que ocupou em 1872 e 1890, correspondendo ao seu mais alto nível atingido, para o 3º lugar em 1900 e 1920, para o 4º lugar em 1940 e 1950, para o 5º lugar em 1960 e em 1970, reconquistando, finalmente, o 4º lugar em 1980.

TABELA 1

COMPARATIVO ENTRE OS DEZ MAIORES MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS,  
SEGUNDO OS NÍVEIS HIERÁRQUICOS DA POPULAÇÃO  
1872 - 1980

NÍVEIS HIERÁRQUICOS	A N O S			
	1872	1890	1900	1920
1º lugar.....	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
2º lugar.....	Salvador	Salvador	São Paulo	São Paulo
3º lugar.....	Recife	Recife	Salvador	Salvador
4º lugar.....	Belém	São Paulo	Recife	Recife
5º lugar.....	Niterói	Porto Alegre	Belém	Belém
6º lugar.....	Porto Alegre	Belém	Porto Alegre	Porto Alegre
7º lugar.....	Fortaleza	Fortaleza	Niterói	Niterói
8º lugar.....	Cuiabá	Manaus	Manaus	Curitiba
9º lugar.....	São Luís	Niterói	Curitiba	Fortaleza
10º lugar.....	São Paulo	Teresina	Fortaleza	Manaus

NÍVEIS HIERÁRQUICOS	A N O S				
	1940	1950	1960	1970	1980
1º lugar.....	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	São Paulo	São Paulo	São Paulo
2º lugar.....	São Paulo	São Paulo	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
3º lugar.....	Recife	Recife	Recife	Belo Horizonte	Belo Horizonte
4º lugar.....	Salvador	Salvador	Belo Horizonte	Recife	Salvador
5º lugar.....	Porto Alegre	Porto Alegre	Salvador	Salvador	Fortaleza
6º lugar.....	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Porto Alegre	Porto Alegre	Recife
7º lugar.....	Belém	Fortaleza	Fortaleza	Fortaleza	Brasília
8º lugar.....	Fortaleza	Belém	Belém	Belém	Porto Alegre
9º lugar.....	Niterói	Niterói	Curitiba	Curitiba	Curitiba
10º lugar.....	Curitiba	Curitiba	Niterói	Brasília	Belém

FONTE - Elaborado com base em dados do IBGE.

As projeções que fizemos para o ano de 1985 não indicam mudança na posição hierárquica de Salvador. Entretanto, elas prevêem que Salvador ocupará, no ano 2000, o 5º lugar na ordem hierárquica, uma vez que as projeções indicam o expressivo crescimento de Brasília, que chegará a ocupar o 3º lugar (Tabela 2).

Por outro lado, é interessante observar que, em 1872, a primeira cidade do País foi somente 2,13 vezes maior que Salvador, aumentando para 3,00 vezes maior em 1890, para 3,94 vezes maior em 1900 e para 4,09 vezes em 1920. Em 1940, o Rio de Janeiro foi 6,09 vezes maior que Salvador. Atingiu-se, assim, o maior distanciamento entre a maior cidade do País e Salvador. Em 1950, esta relação caiu para 5,70 vezes, aumentando para 5,82 em 1960, já com São Paulo em 1º lugar, e atingiu o valor de 5,88 vezes em 1970. Observa-se em 1980 não só o fato de que Salvador recuperou o 4º lugar hie-

TABELA 2

COMPARATIVO ENTRE OS DEZ MAIORES MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS,  
SEGUNDO OS NÍVEIS HIERÁRQUICOS  
DA POPULAÇÃO - (Projeção) 1985 e 2000

NÍVEIS HIERÁRQUICOS	ANOS	
	1985	2000
1º lugar.....	São Paulo	São Paulo
2º lugar.....	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
3º lugar.....	Belo Horizonte	Brasília
4º lugar.....	Salvador	Belo Horizonte
5º lugar.....	Fortaleza	Salvador
6º lugar.....	Brasília	Fortaleza
7º lugar.....	Recife	Curitiba
8º lugar.....	Curitiba	Goânia
9º lugar.....	Porto Alegre	Belém
10º lugar.....	Belém	Porto Alegre

FONTE - Projeções da autora com base na média geométrica de 1970/1980.

rárquico, perdido em 1960, mas também uma redução no distanciamento entre Salvador e São Paulo, o maior município das capitais. Assim, em 1980, São Paulo foi 5,65 vezes maior do que Salvador.

A comparação do tamanho de Salvador em relação à 2ª cidade na hierarquia urbana detecta também o constante aumento da proporção da população da 2ª maior cidade em relação a Salvador, passando de 1,17 em 1900 para 2,04, 4,57, 5,27 em 1920, 1940 e 1950, respectivamente. A partir de 1960 a distância entre Salvador e o 2º mais populoso município das capitais diminuiu para 5,05, em 1970 para 4,22 e em 1980 para 3,39. A Tabela 3 mostra a relação entre todas as cidades maiores que Salvador em relação a Salvador, segundo os anos analisados.

As projeções para os anos de 1985 e 2000 indicam que a proporção entre a maior

cidade e Salvador, como também da 2ª maior em relação a Salvador, continua a diminuir, conforme se pode ver na Tabela 4.

Por outro lado, a comparação, com base no tamanho demográfico, entre as regiões metropolitanas brasileiras, oficialmente instituídas, acrescidas do Distrito Federal, só pôde ser feita, em função da disponibilidade de dados, a partir de 1970.

Neste último ano, a Região Metropolitana de São Paulo ocupava o 1º lugar, seguida da região do Rio de Janeiro. Recife ocupava o 3º lugar, Belo Horizonte o 4º lugar, Porto Alegre o 5º lugar e Salvador o 6º lugar. Em 1980, São Paulo e Rio de Janeiro continuam ocupando os dois primeiros lugares. Belo Horizonte sobe para o 4º lugar e Porto Alegre e Salvador mantêm o 5º e o 6º lugares respectivamente (Tabela 5).

TABELA 3  
PROPORÇÃO ENTRE AS CIDADES COM POPULAÇÃO MAIOR QUE SALVADOR  
EM RELAÇÃO A SALVADOR  
1872 - 1980

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	A N O S							
	1872		1890		1900		1920	
	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção
Salvador .....	129 109	(1)	174 412	(1)	205 813	(1)	283 422	(1)
Rio de Janeiro.....	274 972	2,13	522 651	3,00	811 443	3,94	1 157 873	4,09
São Paulo.....					239 820	1,17	579 033	2,04

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	A N O S									
	1940		1950		1960		1970		1980	
	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção	Popula- ção	Propor- ção
Salvador .....	290 443	(1)	417 235	(1)	649 453	(1)	1 007 195	(1)	1 501 981	
Rio de Janeiro..	1 764 141	6,07	2 377 451	5,70	3 281 908	5,05	4 251 918	4,22	5 090 700	3,39
São Paulo.....	1 326 261	4,57	2 198 096	5,27	3 781 446	5,82	5 924 615	5,88	8 493 226	5,65
Recife .....			524 682	1,26	788 336	1,21	1 060 701	1,05		
Belo Horizonte .					683 908	1,05	1 235 030	1,23	1 780 855	1,19
Porto Alegre.....							885 545	0,88		

FONTE - Elaborado com base em dados do IBGE.

NOTA - A ausência de valores de população e proporção indica que no ano em consideração o município sem informação não tinha população maior que Salvador.

(1) Não pode haver proporção do Município de Salvador com ele mesmo.

**TABELA 4**  
**PROPORÇÃO ENTRE AS CIDADES COM POPULAÇÃO MAIOR QUE SALVADOR**  
**EM RELAÇÃO A SALVADOR (Projeções)**  
**1985 e 2000**

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	A N O S			
	1985		2000	
	População	(%)	População	(%)
Salvador .....	1 804 438	(1)	3 340 152	(1)
Rio de Janeiro.....	5 603 388	3,11	7 297 309	2,18
São Paulo.....	10 063 110	5,58	17 454 113	5,23
Belo Horizonte .....	2 114 429	1,17	3 702 804	1,11
Brasília .....			5 643 044	1,69

FONTE - Projeções da autora com base na média geométrica de 1970/80.

NOTA - A ausência de valores de população e proporção indica que no ano em consideração o município sem informação não tinha população maior que Salvador.

(1) Não pode haver proporção do Município de Salvador com ele mesmo.

**TABELA 5**  
**NÍVEIS HIERÁRQUICOS DAS REGIÕES**  
**METROPOLITANAS E DISTRITO**  
**FEDERAL - 1970-1980**

NÍVEIS HIERÁRQUICOS	A N O S	
	1970	1980
1º lugar.....	São Paulo	São Paulo
2º lugar.....	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
3º lugar.....	Recife	Belo Horizonte
4º lugar.....	Belo Horizonte	Recife
5º lugar.....	Porto Alegre	Porto Alegre
6º lugar.....	Salvador	Salvador
7º lugar.....	Fortaleza	Fortaleza
8º lugar.....	Curitiba	Curitiba
9º lugar.....	Belém	Distrito Federal
10º lugar.....	Distrito Federal	Belém

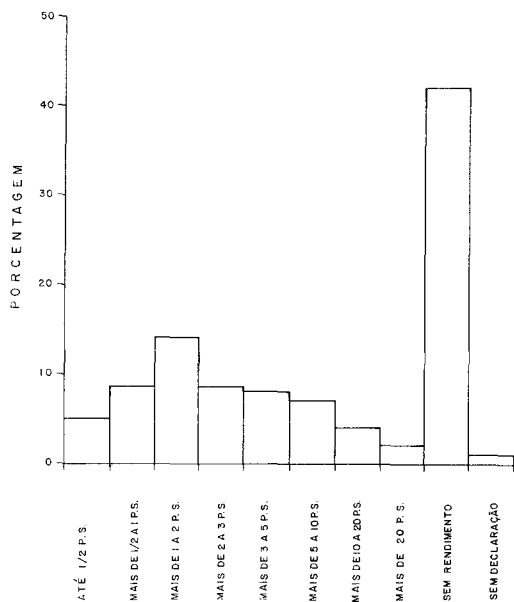
FONTE - Elaborado com base em dados do IBGE.

Por outro lado, é importante comparar a posição de Salvador no contexto intermetropolitano nacional no que diz respeito aos indicadores de renda. Considerando a disponibilidade de dados, esta comparação foi feita para o ano de 1987 com base nas informações da PNAD-IBGE/Pesquisa Nacio-

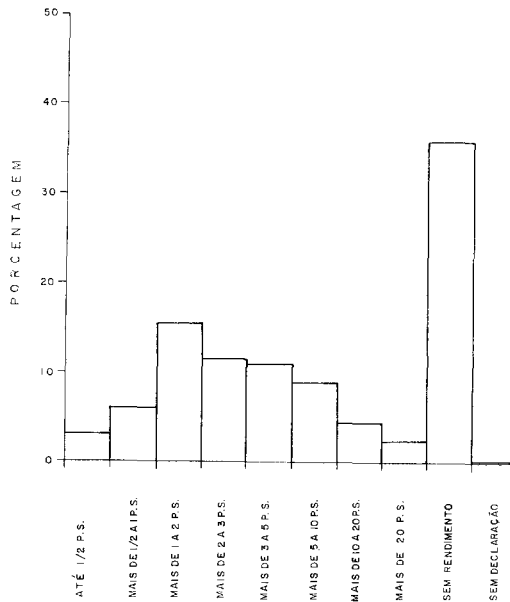
nal por Amostra de Domicílios, o que possibilitou o desenho de gráficos mostrando a distribuição das pessoas de dez anos ou mais, segundo as classes de rendimento mensal, por região metropolitana.

Observa-se que Salvador, mesmo tendo passado por um importante processo de industrialização, não desfruta de uma boa situação no conjunto das metrópoles brasileiras. Assim, comparando Salvador com os centros do Sul e do Sudeste, constata-se que a metrópole baiana apresenta um bem mais elevado número de pessoas sem rendimento (42,2%, enquanto que as metrópoles do Sul e do Sudeste registram percentagens bem mais baixas) e alta participação de pessoas com rendimento até um piso salarial nacional (13,6%). São Paulo, Curitiba e Porto Alegre se distanciam mais do exemplo da metrópole baiana, enquanto que o Rio de Janeiro e Belo Horizonte se aproximam mais do exemplo de Salvador. Com relação às metrópoles do Norte e Nordeste, Salvador está mais perto dos exemplos de Recife e Belém. Fortaleza tem pequena participação dos rendimentos acima de dois pisos salariais e alta participação dos rendimentos até dois pisos salariais (Figuras 1-9).

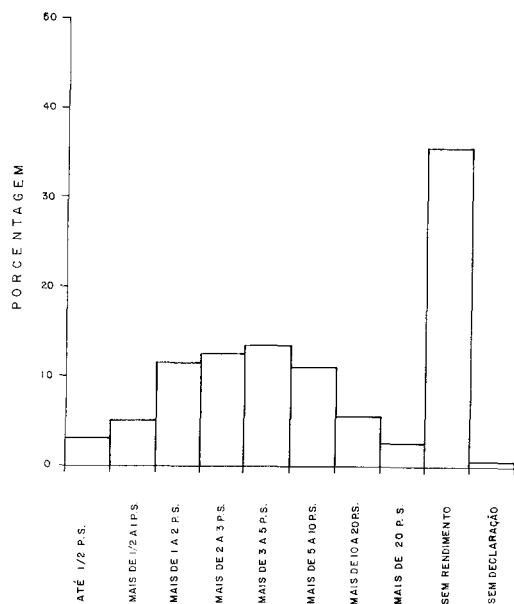
**FIGURA 1**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
**Salvador**



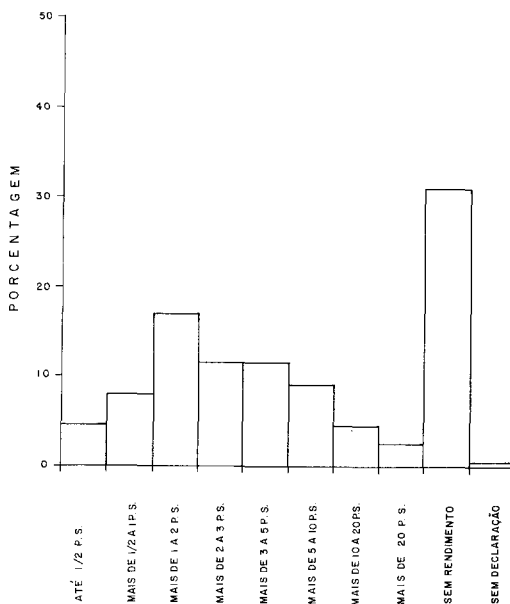
**FIGURA 3**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
**Curitiba**



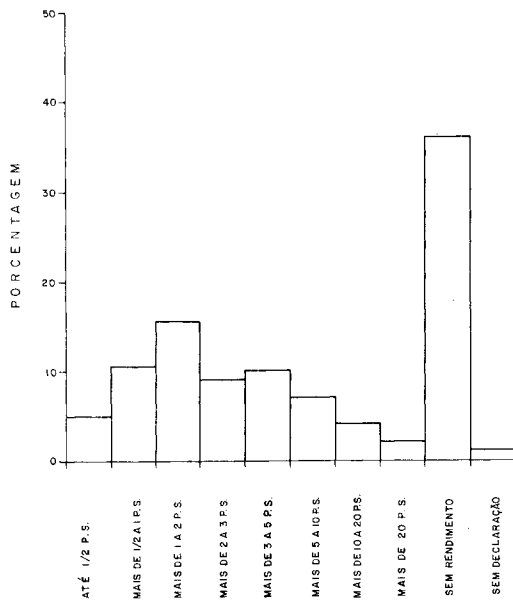
**FIGURA 2**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
**São Paulo**



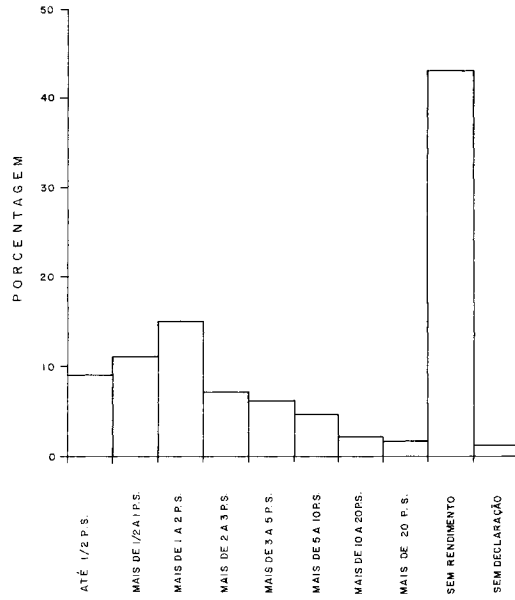
**FIGURA 4**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
**Porto Alegre**



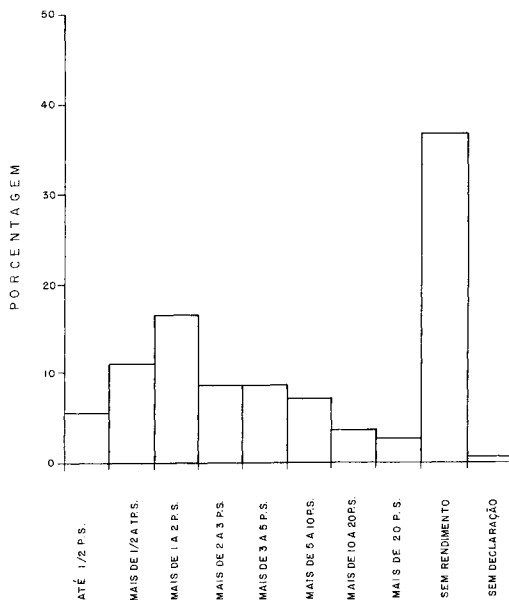
**FIGURA 5**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
 Rio de Janeiro



**FIGURA 7**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
 Recife



**FIGURA 6**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
 Belo Horizonte



**FIGURA 8**  
**PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO**  
**AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL,**  
**POR REGIÃO METROPOLITANA - 1987**  
 Belém

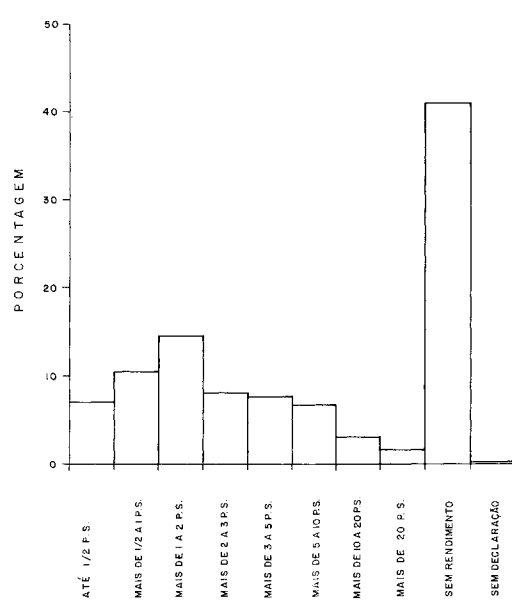
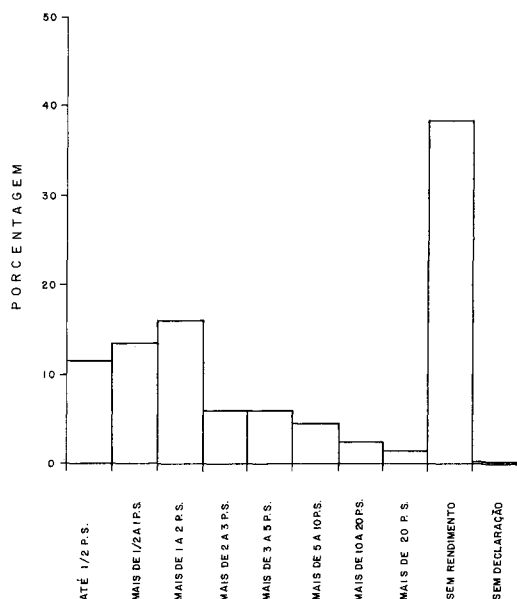


FIGURA 9  
PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, SEGUNDO  
AS CLASSES DE RENDIMENTO MENSAL, POR  
REGIÃO METROPOLITANA - 1987  
Fortaleza



## ANÁLISE TAMANHO-HIERARQUIA

Visando à análise integrada da evolução do sistema urbano brasileiro, formado pelas capitais dos estados e, mais recentemente, pelas regiões metropolitanas, foram construídos vários gráficos que mostram a relação tamanho-hierarquia das cidades e dos centros metropolitanos. Com estas análises, a tarefa de examinar a evolução da posição de Salvador no contexto do sistema urbano brasileiro fica bastante facilitada.

Para elaborar este tipo de gráfico usa-se papel log-log com os eixos x e y indicados em escala logarítmica. As cidades são colocadas em ordem hierárquica na abscissa e os dados referentes à população são registrados na ordenada. Quando os dados colocados no gráfico formam uma reta, estamos diante de um sistema equilibrado e integrado de cidades. Neste caso, a relação tamanho-hierarquia é log-normal, o que é válido para áreas com uma hierarquia urbana regularmente distribuída (distribuição tipo *rank-size city-size*).

O primeiro gráfico apresenta a evolução do sistema formado pelas capitais dos estados brasileiros abrangendo o longo período de 1872-1985 (Figura 10).

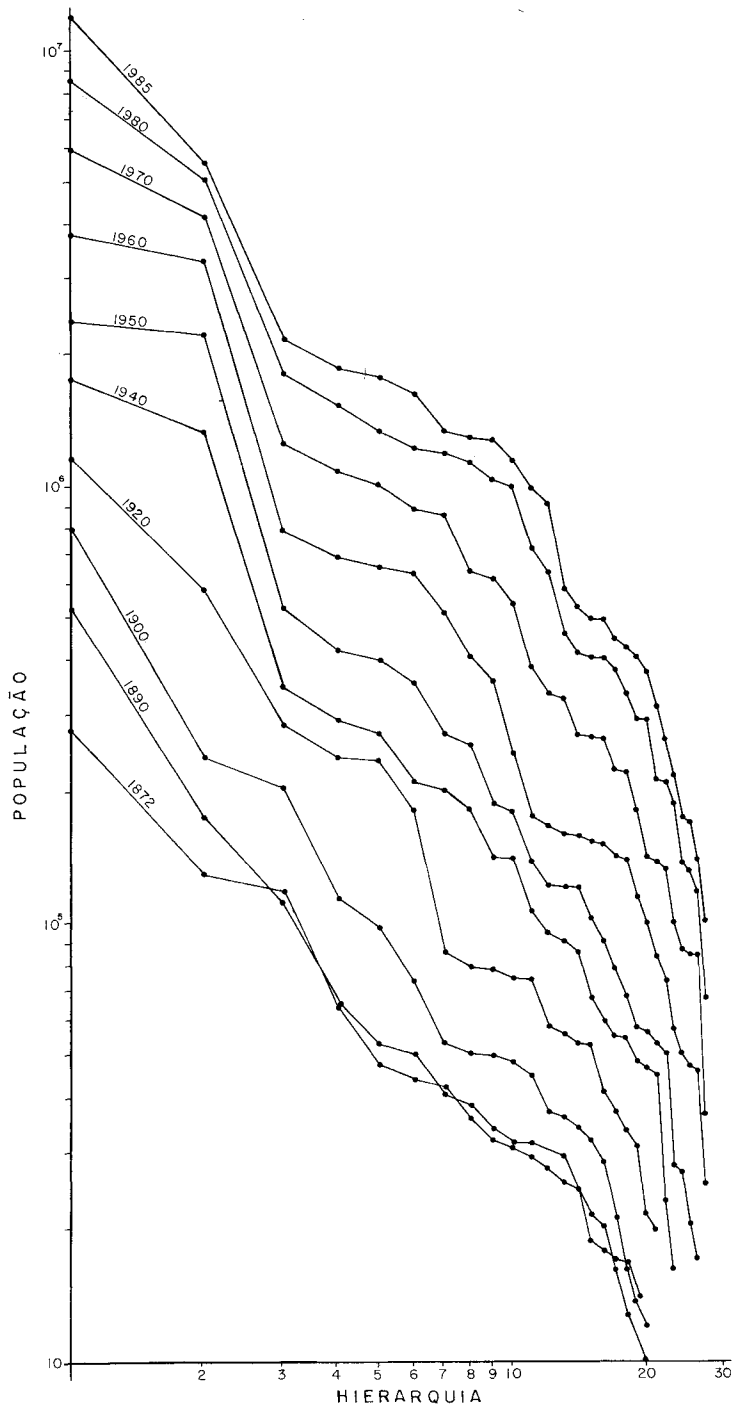
Observando o gráfico de uma forma conjunta, pode-se identificar claramente a existência de três períodos que se sucedem ao longo destes 113 anos. O primeiro período, de 1872 a 1920, caracteriza-se por uma distribuição relativamente mais próxima a um equilíbrio, ou seja, não há fortes diferenciações (rupturas) entre as cidades na relação da dimensão demográfica com a posição hierárquica. O ano de 1890 é o que mostra uma situação mais equilibrada. Salvador conserva o 2º lugar nos dois primeiros anos, cedendo esta posição para São Paulo, já em franco crescimento, nos dois últimos anos do período, ou seja, em 1900 e 1920. Por outro lado, o ano de 1920, com as rupturas nos níveis intermediários, já começa a anunciar grandes alterações que se processarão a seguir com a mudança da estrutura econômica do País.

O maior equilíbrio do sistema formado pelas capitais brasileiras está diretamente associado à fase primário-exportadora da economia nacional. Estas atividades necessitavam de uma metrópole portuária comercial e político-administrativa de caráter nacional, no caso o Rio de Janeiro, e de uma série de cidades, distribuídas ao longo de todo o território brasileiro, também associando funções portuárias, comerciais e político-administrativas de expressão regional. É o caso das capitais das unidades territoriais do País. Cada cidade tinha, portanto, funções muito semelhantes com relação às suas áreas de influência, de diferentes tamanhos e relativamente isoladas, o que fazia com que as rupturas entre elas não fossem abruptas. As diferenças entre os centros urbanos seguiam uma certa proporcionalidade na relação tamanho-hierarquia.

A industrialização que já vinha se acelerando vai ser o elemento causador de desequilíbrio neste sistema urbano. Esta mudança permite a proposição de um 2º período, que vai de 1940 a 1980, como a fase que apresenta os maiores desequilíbrios. Com o processo de industrialização avançando em termos rápidos, beneficiando sobretudo São Paulo, nota-se uma tendência a uma aproximação entre os dois primeiros lugares e, a partir daí, uma queda brusca para as posições intermediárias. Em 1960, observam-se



FIGURA 10  
 RELAÇÃO TAMANHO-HIERARQUIA PARA OS MUNICÍPIOS  
 DAS CAPITAIS - 1872/1985



os maiores desequilíbrios e, neste ano, como vimos, São Paulo supera o Rio de Janeiro. A distância entre as duas aumenta bastante em 1970 e 1980, modificando a distribuição tamanho-hierarquia na direção de uma tendência a um maior equilíbrio nos níveis superiores e a uma ruptura com relação aos níveis intermediários, sobretudo em 1960.

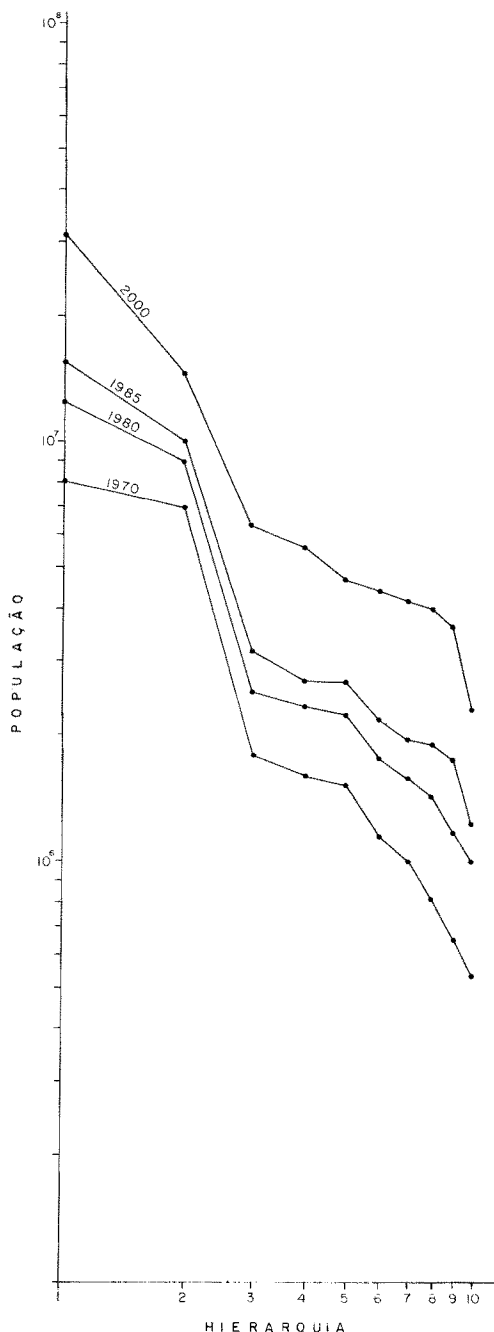
A industrialização que provocou, neste período, o crescimento acelerado da metrópole paulistana, foi, portanto, o grande fator inicial de modificação no sistema de cidades formado pelas capitais. Salvador mantém sua posição na fase inicial do período de industrialização, sofre uma queda em 1960 e 1970 e recupera a 4ª posição em 1980.

O ano de 1985 corresponde, tentativamente, ao 3º período, em sua fase inicial, ao expressar a possibilidade de um retorno a um maior equilíbrio no sistema de cidades. Muitos centros urbanos passam a apresentar um maior dinamismo e outros núcleos crescem a um ritmo mais lento. Esta fase aponta, portanto, para um maior equilíbrio neste sistema de cidades, agora dentro do modelo industrial que, direta ou indiretamente, afeta todo o País. Este é um dado importante com relação à hipótese levantada inicialmente neste trabalho.

Já o gráfico tamanho-hierarquia, feito para as regiões metropolitanas oficialmente existentes no País, mostra, a partir de 1970, uma situação de desequilíbrio entre as duas primeiras com as demais regiões, situação esta que começa progressivamente a modificar-se em 1980 e 1985, projetando-se, para o ano 2000, uma situação mais equilibrada em termos relativos (Figura 11). Isto significa que algumas metrópoles intermediárias estão tendo, comparativamente, um bom desempenho, o que também tem aspectos relevantes na apreciação da hipótese.

Concluindo esta análise, é importante destacar que a relação tamanho-hierarquia teve, em termos gerais, uma fase de equilíbrio relativo no modelo primário-exportador, típico de áreas subdesenvolvidas, e outra fase de equilíbrio parece surgir com a consolidação e a difusão do modelo industrial, causador, em seu período de implantação, das grandes rupturas neste sistema de cidades. Assim, o equilíbrio na relação tamanho-hierarquia não é só privilégio de áreas desenvolvidas, como alguns analistas apontaram na forma de um modelo a ser atingido. Este equilíbrio pode existir também em países de economia do tipo colonial, com grande área e com pequena integração interna, como era o caso do Brasil até por volta de 1920.

FIGURA 11  
RELAÇÃO TAMANHO-HIERARQUIA  
PARA AS REGIÕES METROPOLITANAS  
BRASILEIRAS - 1970/2000



## DINÂMICA DO CRESCIMENTO

O cálculo das taxas médias de crescimento anual da população dos municípios das capitais indica que a média global das taxas de crescimento anual dos municípios das capitais em estudo foi, com 0,6% entre 1872 e 1890, muito baixo, subindo para 3,5% entre 1890 e 1900, sendo este valor médio o efeito do grande crescimento de São Paulo com 14,0%. Entre 1900 e 1920 a média das taxas foi 2,9% e baixou para 2,2% no período 1920/40. A partir da década de 40/50 começou a subir a média das taxas de 3,6% para 4,6% na década de 50/60, atingindo 5,3% de crescimento anual na década de 60/70 e 4,7% na década de 70/80.

Em termos globais, podemos dizer que o crescimento das capitais no período 1872/1940 foi bem menor do que no período 1940/80. A maior média do crescimento das capitais ocorreu na década de 1960/70, com 5,2% ao ano.

Por outro lado, constatamos que o período de 1872/1940 não só houve uma mais baixa média de crescimento, mas também

uma muito maior variação relativa, isto é, uma grande heterogeneidade no crescimento. Assim, no período de 1890/1900 São Paulo cresceu com uma taxa de 14% ao ano, enquanto Vitória registrou um crescimento negativo com - 3% ao ano, o que estabelece uma amplitude de 17%.

Entre 1940 e 1980 a média global do crescimento tornou-se mais alta e o crescimento registrou mais homogeneidade. Não ocorreu mais o crescimento negativo em nenhum município das capitais. A década da maior homogeneidade é a de 70/80 seguida da década de 60/70.

Destacam-se ainda Goiânia na década de 50/60, com crescimento anual de 11% devido à "marcha para o oeste", e Brasília, entre 1960/70, na fase de sua implantação e consolidação com 14%.

Salvador cresce pouco entre 1872 e 1920, quase nada entre 1920 e 1940 e a partir deste último ano passa a apresentar taxas bem expressivas.

Florianópolis e Niterói destacam-se nesta análise por terem a partir de 1940 até 1980 um crescimento regular, variando entre 3,1 e 3,8% e entre 2,0 e 2,9%, respectivamente (Tabela 6).

TABELA 6  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DOS MUNICÍPIOS  
DAS CAPITAIS BRASILEIRAS - 1872-1980

(continua)

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	TAXAS GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO			
	1872/1890	1890/1900	1900/20	1920/40
Aracaju.....	3,02	2,61	2,90	2,30
Belém.....	-1,18	6,79	4,58	-0,68
Belo Horizonte.....	-	-	7,34	6,91
Boa Vista.....	-	-	-	-
Brasília.....	-	-	-	-
Campo Grande.....	-	-	-	-
Cuiabá.....	-3,83	6,80	-0,10	2,43
Curitiba.....	3,75	7,32	2,34	2,93
Florianópolis.....	0,99	0,49	1,25	0,62
Fortaleza.....	-0,21	1,69	2,45	4,24
Goiânia.....	-	-	-	-
João Pessoa.....	-1,55	4,44	3,10	2,93
Macapá.....	-	-	-	-
Maceió.....	0,72	1,46	3,62	0,99
Manaus.....	1,55	2,65	2,07	1,72
Natal.....	-2,18	1,58	3,29	2,94
Niterói.....	-1,80	4,54	2,36	2,60
Porto Alegre.....	0,98	3,46	4,55	2,11
Porto Velho.....	-	-	-	-
Recife.....	-0,25	0,14	3,81	1,91
Rio Branco.....	-	-	-	-1,08
Rio de Janeiro.....	3,63	4,50	1,79	2,13
Salvador.....	1,68	1,67	1,61	0,12
São Luís.....	-0,43	2,30	1,83	2,43
São Paulo.....	4,12	13,96	4,51	4,23
Teresina.....	2,10	3,70	1,20	0,82
Vitória.....	0,25	-3,48	3,11	3,70

TABELA 6  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DOS MUNICÍPIOS  
DAS CAPITAIS BRASILEIRAS - 1872-1980

(conclusão)

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	TAXAS GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO			
	1940/50	1950/60	1960/70	1970/80
Aracaju.....	2,87	3,83	4,87	4,79
Belém.....	2,14	4,59	4,72	3,95
Belo Horizonte.....	5,25	6,85	6,09	3,73
Boa Vista.....	-	4,07	3,56	6,28
Brasília.....	-	-	14,42	8,15
Campo Grande.....	-	-	-	-
Cuiabá.....	0,33	0,11	5,90	7,76
Curitiba.....	2,53	7,05	5,49	5,34
Florianópolis.....	3,76	3,76	3,53	3,11
Fortaleza.....	4,13	6,50	5,40	4,30
Goiânia.....	1,03	10,96	9,69	6,54
João Pessoa.....	2,38	2,53	3,76	4,06
Macapá.....	-	8,55	6,29	4,79
Maceió.....	2,97	3,34	4,61	4,24
Manaus.....	2,75	2,21	6,02	7,35
Natal.....	6,53	4,50	5,13	4,66
Niterói.....	2,72	2,70	2,92	-
Porto Alegre.....	3,77	4,89	3,38	2,43
Porto Velho.....	-	6,41	5,19	4,77
Recife.....	4,18	4,16	3,01	1,27
Rio Branco.....	5,82	5,32	5,88	3,38
Rio de Janeiro.....	3,03	3,28	2,62	1,82
Salvador.....	3,69	4,52	4,49	4,08
São Luís.....	3,42	2,83	5,31	5,41
São Paulo.....	5,18	5,58	4,59	3,67
Teresina.....	2,98	4,63	4,45	5,53
Vitória.....	1,20	5,05	4,79	4,56

FONTE - Elaborado com base em dados do IBGE.

NOTA - A ausência de dados indica os municípios cujas sedes não eram, na época, capitais de estado.

Quanto às taxas de crescimento anual das regiões metropolitanas, observamos que o novo Distrito Federal (com a elevada taxa de 8,15% a.a.) toma o primeiro lugar, seguido da Região Metropolitana de Curitiba e Belo Horizonte. São Paulo só aparece em 4º lugar e Salvador em 5º lugar (Tabela 7).

Em estudos anteriores feitos no Estado da Bahia (Silva, B. C. N., 1989), constatamos que existem cidades cujo crescimento entre 1940 e 1980 pode ser descrito pelo modelo exponencial ou pelo modelo linear. A análise do crescimento das capitais dos estados brasileiros comprova, com exceção do Rio de Janeiro e Recife, que crescem segundo o modelo linear, que todas as demais crescem de maneira exponencial. Podemos, por sua vez, detectar cidades onde o modelo exponencial se adapta de maneira quase per-

feita, a exemplo de Salvador ( $r = 0,9995$ ), e menos perfeita, a exemplo de Cuiabá ( $r = 0,8860$ ), onde se verifica visivelmente um ritmo de crescimento mais rápido a partir de 1960.

Por outro lado, destacam-se cidades com um extremamente acentuado crescimento exponencial, a exemplo de Goiânia, Macapá, Belo Horizonte, Curitiba e Fortaleza, e cidades cujo crescimento exponencial é menos acentuado, sendo que a curva se aproxima quase a uma reta, como podemos verificar em João Pessoa.

Com isto fica evidente que as maiores cidades do País não são as que apresentam um modelo de crescimento exponencial mais expressivo. As Figuras 12 a 21 mostram graficamente o crescimento das cidades acima mencionadas.

TABELA 7  
TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE  
CRESCIMENTO ANUAL, SEGUNDO AS  
REGIÕES METROPOLITANAS E  
DISTRITO FEDERAL - 1970-1980  
Brasil

REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL	TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL 1970-1980
Distrito Federal.....	8,15
Curitiba.....	5,78
Belo Horizonte.....	4,70
São Paulo.....	4,46
Salvador.....	4,41
Belém.....	4,30
Fortaleza.....	4,30
Porto Alegre.....	3,84
Recife.....	2,74
Rio de Janeiro.....	2,44

FONTE - Elaborado com base em dados do IBGE.

FIGURA 13  
Recife

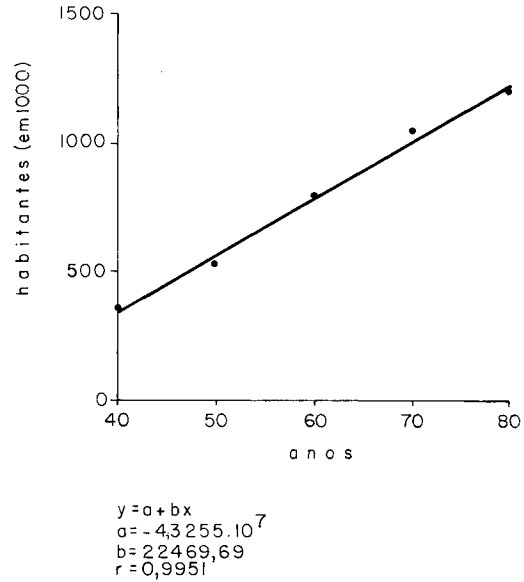


FIGURA 12  
Rio de Janeiro

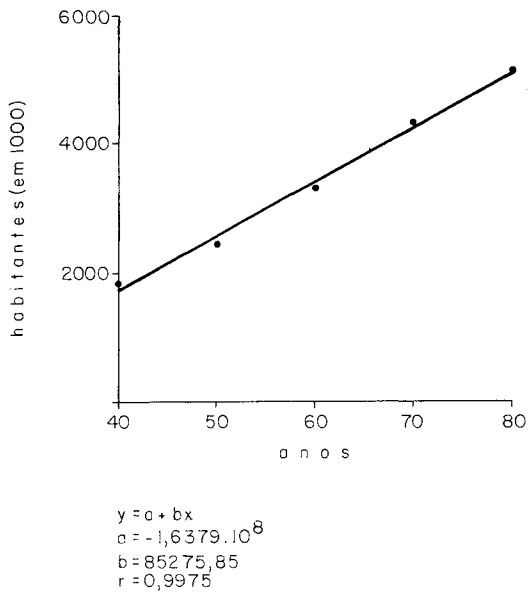


FIGURA 14  
Salvador

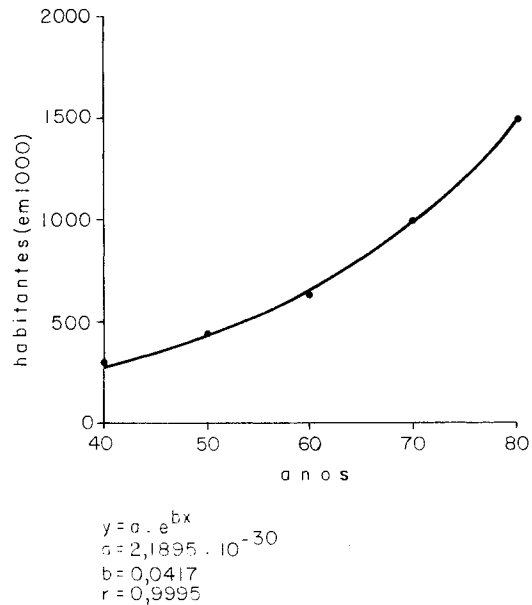
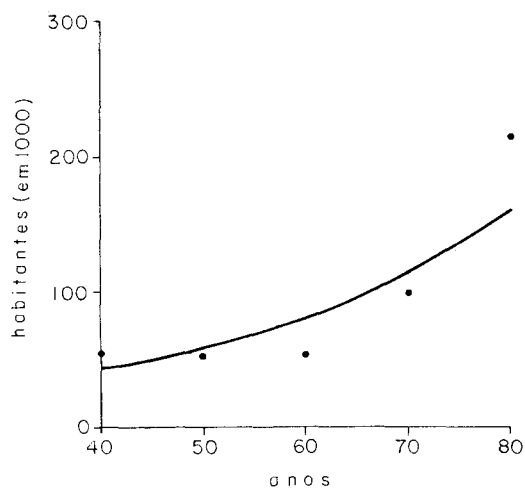


FIGURA 15  
Cuiabá



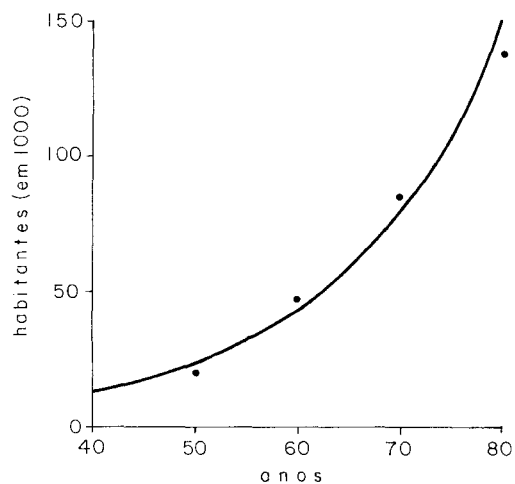
$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 5,0042 \cdot 10^{-24}$$

$$b = 0,0331$$

$$r = 0,8860$$

FIGURA 17  
Macapá



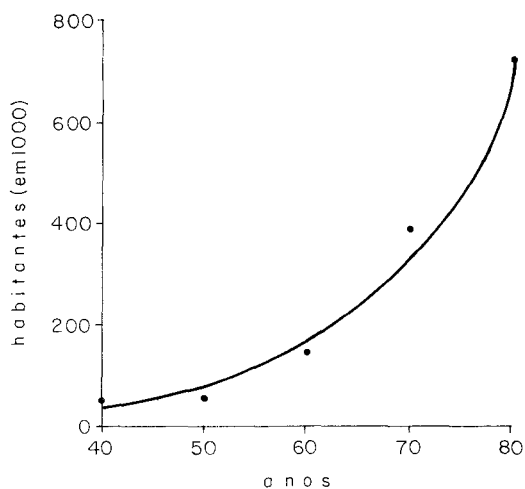
$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 9,1004 \cdot 10^{-50}$$

$$b = 0,0630$$

$$r = 0,9920$$

FIGURA 16  
Goiânia



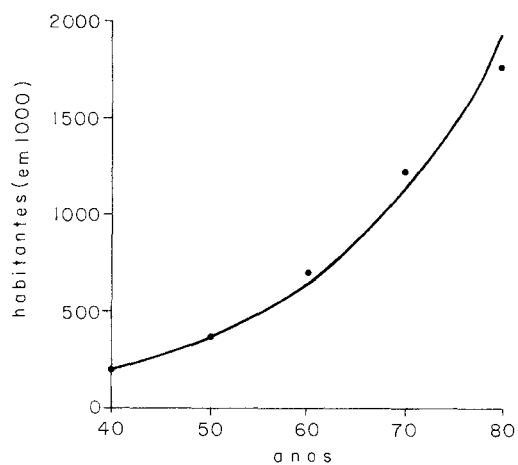
$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 3,1386 \cdot 10^{-58}$$

$$b = 0,0737$$

$$r = 0,9798$$

FIGURA 18  
Belo Horizonte



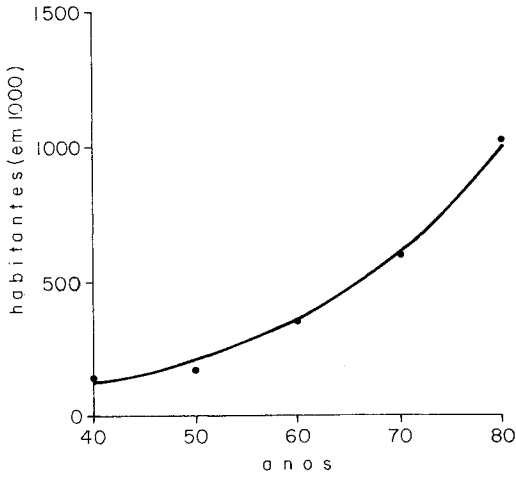
$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 7,2519 \cdot 10^{-42}$$

$$b = 0,0552$$

$$r = 0,9961$$

FIGURA 19  
Curitiba



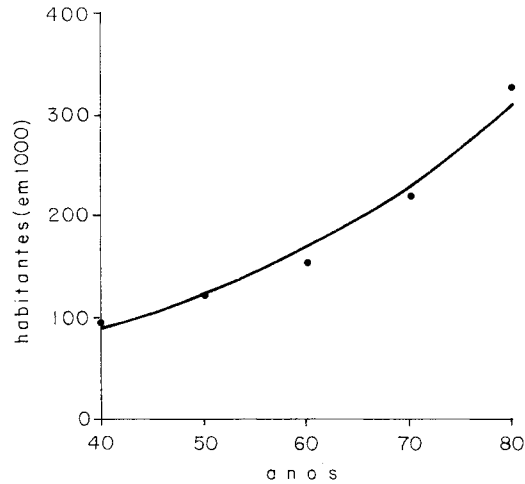
$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 2,4546 \cdot 10^{-39}$$

$$b = 0,0519$$

$$r = 0,9930$$

FIGURA 21  
João Pessoa



$$y = a \cdot e^{bx}$$

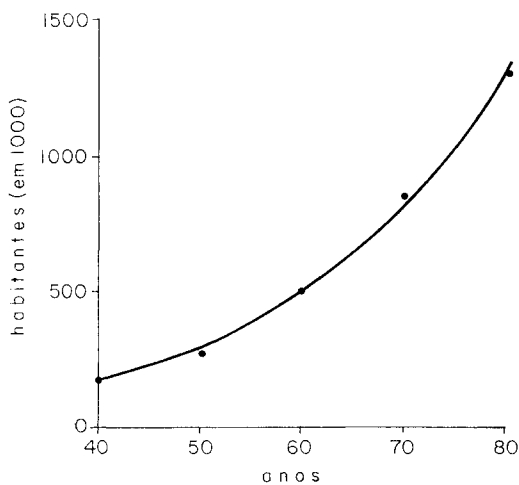
$$a = 4,3349 \cdot 10^{-22}$$

$$b = 0,0312$$

$$r = 0,9925$$

## ANÁLISE DAS ATIVIDADES DIRIGENTES

FIGURA 20  
Fortaleza



$$y = a \cdot e^{bx}$$

$$a = 1,2901 \cdot 10^{-38}$$

$$b = 0,0512$$

$$r = 0,9976$$

### A Bahia no Contexto das Maiores Empresas Brasileiras

A análise da localização das sedes das mais importantes empresas do País, em diferentes momentos, reveste-se da maior importância para a compreensão da estrutura e da dinâmica das regiões brasileiras comandadas por um integrado sistema urbano-metropolitano. Estes dados podem ser encarados como um indicador econômico, complementando a análise demográfica comparativa.

Tomando como fontes alguns dos principais indicadores anuais produzidos pelas mais importantes editoras econômico-financeiras do País, é possível demonstrar a evolução recente do papel da Bahia, onde predomina a Região Metropolitana de Salvador, no contexto do sistema estadual.

Assim, por exemplo, a Tabela 8 mostra a distribuição das 200 maiores empresas do País classificadas segundo o faturamento nos anos de 1974, 1985 e 1988 e a Figura 22 representa espacialmente o fenômeno em 1988.

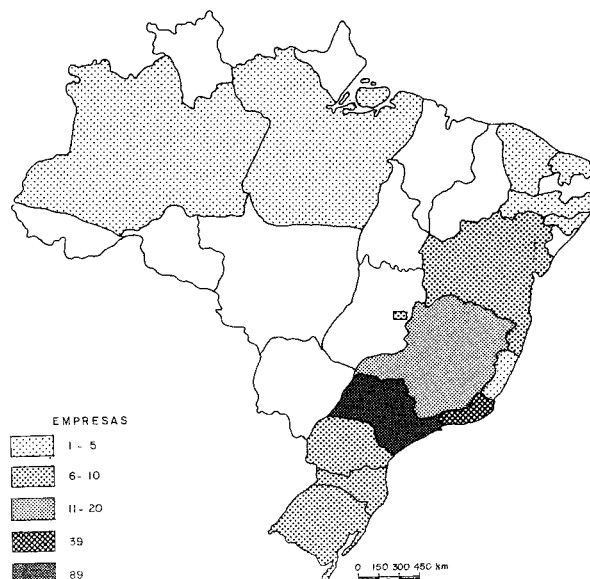
TABELA 8  
ESTADOS-SEDES DAS 200 MAIORES EMPRESAS POR FATURAMENTO - 1974, 1985 e 1988

ESTADOS-SEDES	1974		1985		1988	
	Número de Empresas	Faturamento (%)	Número de Empresas	Faturamento (%)	Número de Empresas	Faturamento (%)
São Paulo.....	92	46,0	95	47,5	89	44,5
Rio de Janeiro/GB.....	54	27,0	42	21,0	39	19,5
Minas Gerais.....	11	5,5	14	7,0	17	8,5
Distrito Federal.....	6	3,0	6	3,0	6	3,0
Pernambuco.....	6	3,0	2	1,0	3	1,5
Rio Grande do Sul.....	6	3,0	12	6,0	7	3,5
Bahia.....	4	2,0	7	3,5	10	5,0
Ceará.....	2	1,0	-	-	1	0,5
Paraná.....	2	1,0	6	3,0	8	4,0
Amazonas.....	1	0,5	3	1,5	5	2,5
Espírito Santo.....	1	0,5	4	2,0	3	1,5
Pará.....	1	0,5	1	0,5	1	0,5
Santa Catarina.....	1	0,5	6	3,0	9	4,5
Goiás.....	1	0,5	-	-	-	-
Maranhão.....	1	0,5	-	-	-	-
Mato Grosso.....	1	0,5	-	-	-	-
Alagoas.....	-	-	1	0,5	1	0,5
Rio Grande do Norte..	-	-	1	0,5	1	0,5
Sem informação.....	10	5,0	-	-	-	-

FORNTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira* - Edição especial de *Visão*, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam empresas na lista das 200 maiores, por faturamento.

FIGURA 22  
SEDE DAS 200 MAIORES EMPRESAS POR FATURAMENTO - 1988





O predomínio de São Paulo é muito grande, embora tenha havido uma ligeira redução, em termos relativos e absolutos, do número de empresas entre 1988 e 1974. Maior redução teve o segundo estado, o do Rio de Janeiro, também entre 1974 (27%) e 1988 (19,5%). Desta forma, a participação conjunta dos dois maiores estados cai entre 1974 (146 empresas, ou 73% em 1974, contra 128 empresas, ou 64% em 1988). Isto significa que outros estados aumentaram sua participação em termos absolutos e relativos. De forma significativa, isto ocorreu com Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina, Paraná, Amazonas e Espírito Santo. Em 1974, a Bahia, antes da petroquímica, tinha apenas quatro empresas dentre as 200 maiores do País (2%), contra dez empresas em 1988, ou seja, 5% do total, dez anos após a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari.

Estes dados atestam, em termos gerais, a recente redução da polarização do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, o que é um indicador importante a ser apreciado quando da análise de nossa hipótese. Fora do contexto do Sul e do Sudeste, só a Bahia e o Amazonas participam deste movimento inovador.

Esta situação fica confirmada na análise das sedes das 200 maiores empresas por lucro líquido, também entre 1974 e 1988. Assim, cai a participação de São Paulo e Rio de Janeiro e, em contrapartida, cresce a importância de várias unidades da Federação. A Bahia passa, expressivamente, de um conjunto de quatro empresas em 1974 (2%) para 19 empresas em 1988 (9,5% do total das 200 maiores empresas), só perdendo para o dinamismo registrado em Santa Catarina (Tabela 9 e Figura 23).

TABELA 9

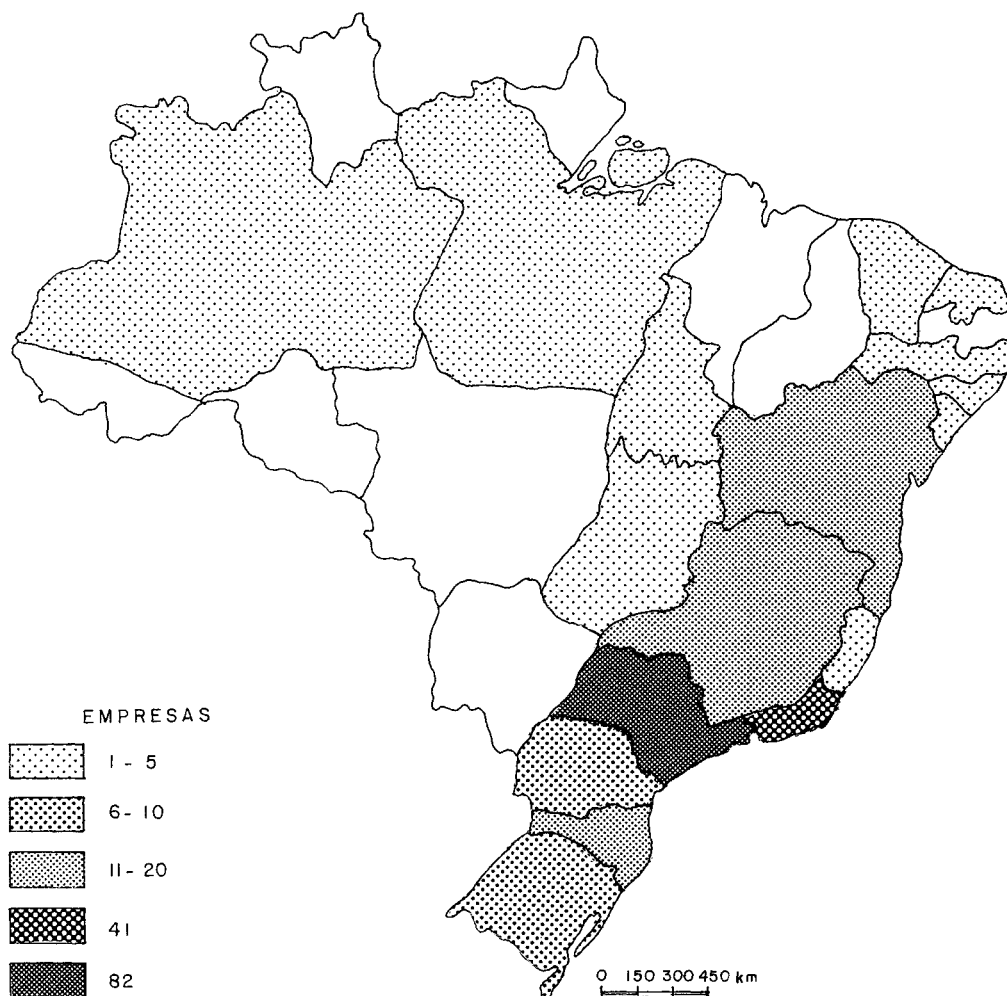
ESTADOS-SEDES DAS 200 MAIORES EMPRESAS POR LUCRO LÍQUIDO - 1974, 1985 e 1988

ESTADOS-SEDES	1974		1985		1988	
	Número de Empresas	Lucro Líquido (%)	Número de Empresas	Lucro Líquido (%)	Número de Empresas	Lucro Líquido (%)
São Paulo.....	88	44,0	73	36,5	82	41,0
Rio de Janeiro/GB.....	57	28,5	48	24,0	41	20,5
Minas Gerais.....	11	5,5	17	8,5	11	5,5
Rio Grande do Sul.....	6	3,0	11	5,5	10	5,0
Distrito Federal.....	6	3,0	3	1,5	3	1,5
Pernambuco.....	5	2,5	4	2,0	3	1,5
Bahia.....	4	2,0	20	10,0	19	9,5
Ceará.....	2	1,0	-	-	2	1,0
Paraná.....	2	1,0	7	3,5	8	4,0
Amazonas.....	1	0,5	1	0,5	1	0,5
Espírito Santo.....	1	0,5	-	-	3	1,5
Goiás.....	1	0,5	1	0,5	1	0,5
Maranhão.....	1	0,5	1	0,5	-	-
Mato Grosso.....	1	0,5	-	-	-	-
Pará.....	1	0,5	3	1,5	2	1,0
Santa Catarina.....	1	0,5	8	4,0	11	5,5
Alagoas.....	-	-	1	0,5	1	0,5
Rio Grande do Norte..	-	-	1	0,5	1	0,5
Sergipe.....	-	-	1	0,5	1	0,5
Sem indicação.....	12	6,0	-	-	-	-

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira* - Edição especial de Visão, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam empresas na lista das 200 maiores, por lucro líquido.

FIGURA 23  
SEDE DAS 200 MAIORES EMPRESAS POR LUCRO - 1988



Já uma análise das sedes das 500 maiores empresas privadas, por venda, no País, mostra algumas alterações com relação aos quadros anteriores. Há uma redução do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mas a participação da Bahia, que havia crescido de 1,6% para 5,8%, em 1985, cai, em 1988, para 5,0% (Tabela 10 e Figura 24).

Por outro lado, a distribuição das 50 maiores empresas estatais brasileiras, por venda, apresenta importantes alterações. O Rio de Janeiro, demonstrando ainda o peso de seu

antigo papel de capital do País, assume a liderança, seguido por São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Bahia. Este último estado vê seu número de empresas estatais de importância crescer de um para três, entre 1974 e 1988, isto é, com uma participação relativa aumentando de 2% para 6%. Ocorre, também, a redução do papel do eixo Rio de Janeiro-São Paulo na distribuição das 50 maiores empresas estatais (35 empresas em 1974, 70% do total, contra 27 empresas em 1988, representando 54%) (Tabela 11 e Figura 25).

TABELA 10

## ESTADOS-SEDES DAS 500 MAIORES EMPRESAS PRIVADAS POR VENDAS - 1974, 1985 e 1988

ESTADOS-SEDES	1974		1985		1988	
	Número de Empresas	Vendas (%)	Número de Empresas	Vendas (%)	Número de Empresas	Vendas (%)
São Paulo.....	317	63,4	275	55,0	272	54,4
Rio de Janeiro/GB.....	101	20,2	69	13,8	67	13,4
Rio Grande do Sul.....	22	4,4	29	5,8	32	6,4
Minas Gerais.....	15	3,0	21	4,2	30	6,0
Paraná.....	13	2,6	23	4,6	16	3,2
Bahia.....	8	1,6	29	5,8	25	5,0
Santa Catarina.....	8	1,6	19	3,8	17	3,4
Pernambuco.....	7	1,4	7	1,4	6	1,2
Amazonas.....	2	0,4	8	1,6	15	3,0
Pará.....	2	0,4	3	0,6	4	0,8
Ceará.....	1	0,2	3	0,6	3	0,6
Espírito Santo.....	1	0,2	6	1,2	7	1,4
Distrito Federal.....	1	0,2	1	0,2	2	0,4
Goiás.....	1	0,2	1	0,2	-	-
Rio Grande do Norte..	1	0,2	2	0,4	2	0,4
Alagoas.....	-	-	1	0,2	1	0,2
Sergipe.....	-	-	1	0,2	1	0,2
Mato Grosso do Sul...	-	-	1	0,2	-	-
Mato Grosso.....	-	-	1	0,2	-	-

FONTE - Calculado com base em dados de *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam empresas privadas na lista das 500 maiores, por vendas.

FIGURA 24

## SEDE DAS 500 MAIORES EMPRESAS PRIVADAS POR VENDAS - 1988

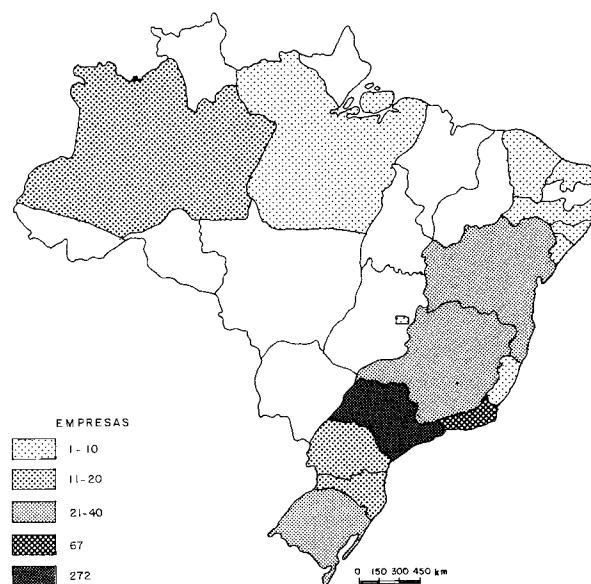


TABELA 11

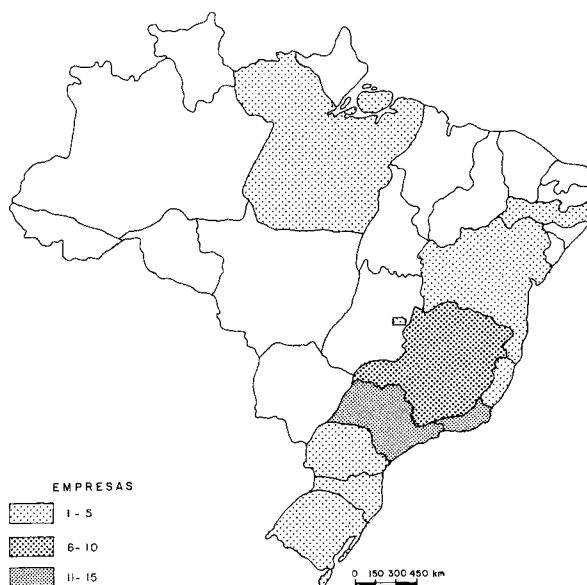
## ESTADOS-SEDES DAS 50 MAIORES EMPRESAS ESTATAIS POR VENDAS - 1974, 1985 e 1988

ESTADOS-SEDES	1974		1985		1988	
	Número de Empresas	Vendas (%)	Número de Empresas	Vendas (%)	Número de Empresas	Vendas (%)
Rio de Janeiro/GB.....	24	48	16	32	15	30
São Paulo.....	11	22	11	22	12	24
Minas Gerais.....	4	8	5	10	6	12
Distrito Federal.....	2	4	4	8	4	8
Paraná.....	2	4	1	2	1	2
Rio Grande do Sul.....	2	4	4	8	3	6
Amazonas.....	1	2	-	-	-	-
Bahia.....	1	2	3	6	3	6
Goiás.....	1	2	-	-	-	-
Pernambuco.....	1	2	2	4	2	4
Santa Catarina.....	1	2	2	4	2	4
Espírito Santo.....	-	-	2	4	1	2
Pará.....	-	-	-	-	1	2

FONTE - Calculado com base em dados de *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam empresas estatais na lista das 50 maiores, por vendas.

FIGURA 25  
SEDE DAS 50 MAIORES EMPRESAS ESTATAIS POR VENDAS - 1988



## As Maiores Empresas da Bahia no Contexto Nacional

Após a análise da evolução recente da participação da Bahia no cenário das maiores empresas nacionais, torna-se necessário identificar as companhias privadas e públicas que estão sendo responsáveis pelas mudanças observadas. A preocupação maior é com a comparação entre os setores empresariais mais importantes em meados da década de 70 com os atuais.

As Tabelas 12 e 13 listam as maiores empresas da Bahia por lucro líquido dentre as 200 maiores do País, em 1974 e 1988. Em

1974, só apareciam cinco empresas, contra 19 em 1988. No primeiro ano analisado, as empresas eram, à exceção da Tibrás, unicamente empresas públicas, sendo três concessionárias de serviços públicos e uma siderúrgica. Já em 1988, das 19 empresas listadas, só aparece uma empresa pública, a Telebahia. O setor petroquímico, que conta com a participação estatal, aparece com 11 empresas dentre o total de 19, o que atesta a crescente e grande importância deste setor na Bahia. Deve ser registrado ainda que o grupo Odebrecht também participa expressivamente do setor petroquímico. Três construtoras constam também desta lista.

TABELA 12  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 200 MAIORES EMPRESAS NACIONAIS,  
POR LUCRO LÍQUIDO  
1974

EMPRESAS	ORDEM POR LUCRO LÍQUIDO
Cia. de Eletricidade do Estado da Bahia - Coelba.....	118
Titânio do Brasil S.A. - Tibrás.....	146
Empresa Baiana Águas e Saneamento - Embasa.....	161
Telefones da Bahia - Tebasa (hoje Telebahia).....	183
Usina Siderúrgica da Bahia S.A. - Usiba.....	-

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1974, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica Empresa em implantação, não apresentando informações sobre lucro líquido, consta da lista das 200 maiores, com base em outros critérios.

TABELA 13  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 200 MAIORES EMPRESAS NACIONAIS,  
POR LUCRO LÍQUIDO  
1988

EMPRESAS	ORDEM POR LUCRO LÍQUIDO
Copene Petroquímica do Nordeste S.A. ....	8
Odebrecht S.A. ....	16
Construtora Norberto Odebrecht S.A. ....	19
Kieppe Investimentos S.A. ....	51
Construtora OAS Ltda. ....	57
Xerox do Nordeste S.A. ....	64
Norquisa Nordeste S.A. ....	81
EDN Estireno do Nordeste S.A. ....	83
Oxitenor Nordeste S.A. Indústria e Comércio ....	90
Cia. Petroquímica Camaçari - CPC.....	99
JHJ Empreendimentos e Participações S.A. ....	102
Tele+comunicações Bahia S.A. - Telebahia.....	114
Goes Cohabita Construções S.A. ....	116
Polialden Petroquímica S.A. ....	120
Polipropileno S.A. ....	122
Ciquine Cia. Petroquímica.....	123
Politeno Indústria e Comércio S.A. ....	152
Deten Química S.A.....	172
Rhodia Bahia S.A. ....	174

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1988, ver bibliografia.

Comparando, a seguir, a participação das empresas baianas na lista das 200 maiores do País em faturamento, nos anos de 1974 e 1988, observa-se, primeiramente, o significativo aumento do número de empresas (cinco contra dez). Em 1974, também só apareciam as três concessionárias de serviços públicos ao lado da Tibrás. Em 1988, a situação é bem mais diversificada, com três firmas petroquímicas e duas construtoras, em termos de destaque (Tabelas 14 e 15).

Analisando, agora, as empresas baianas que participam da lista das 500 maiores empresas privadas, por venda, em 1974 e em

1988, chegamos também a importantes constatações. Em 1974, só existiam oito empresas baianas nesta listagem, contra 25 em 1988. No primeiro ano, predominavam as empresas ligadas ao setor primário, ao lado de duas outras firmas de caráter industrial. Apareciam, ainda, uma construtora e uma outra de comércio de alimentos (Tabela 16). Já em 1988, predominam as empresas petroquímicas (12 sobre 25), seguidas por diversos setores (construtoras, firmas exportadoras de produtos primários, comércio de alimentos e indústrias diversas) (Tabela 17).

TABELA 14  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 200 MAIORES EMPRESAS NACIONAIS,  
POR FATURAMENTO  
1974

EMPRESAS	ORDEM POR FATURAMENTO
Cia. de Eletricidade do Estado da Bahia - Coelba.....	122
Titânio do Brasil S.A. - Tibrás.....	161
Empresa Baiana Águas Saneamento - Embasa.....	186
Telefones da Bahia - Tebasa (hoje Telebahia).....	190
Usina Siderúrgica da Bahia S.A. - Usiba.....	-

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1974, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica Empresa em implantação, não apresentando informações sobre faturamento. Consta da lista das 200 maiores empresas, com base em outros critérios.

TABELA 15  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 200 MAIORES EMPRESAS NACIONAIS,  
POR FATURAMENTO  
1988

EMPRESAS	ORDEM POR FATURAMENTO
Construtora Norberto Odebrecht S.A. ....	23
Copene Petroquímica do Nordeste.....	36
Paes Mendonça S.A. ....	52
Caraíba Metais S.A. Indústria e Comércio.....	73
Construtora OAS Ltda. ....	114
Cia. Eletricidade do Estado da Bahia - Coelba.....	144
Odebrecht S.A. ....	172
Fertilizantes Nitrogenados Nordeste S.A. - Nitrofertil.....	175
Habitação Urbanização da Bahia S.A. - Urbis.....	188
Cia. Petroquímica Camaçari - CPC.....	194

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1988, ver bibliografia.

TABELA 16  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 500 MAIORES EMPRESAS PRIVADAS NACIONAIS,  
POR VENDAS  
1974

EMPRESAS	ORDEM POR VENDAS
Construtora Norberto Odebrecht S.A. ....	50
Paes Mendonça S.A. ....	71
Corrêa Ribeiro S.A. Comércio e Indústria ....	236
Barreto de Araújo Produtos de Cacau S.A. ....	306
Indústria de Bebidas Antártica do Nordeste S.A. ....	405
Safron - Teijin S.A. ....	415
Bahia Industrial S.A. Moinho Salvador ....	421
Titânio do Brasil S.A. - Tibrás ....	444

FONTE - Calculado com base em dados de *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, 1974, ver bibliografia.

TABELA 17  
PARTICIPAÇÃO DA BAHIA DENTRE AS 500 MAIORES EMPRESAS PRIVADAS NACIONAIS,  
POR VENDAS  
1988

EMPRESAS	ORDEM POR VENDAS
Odebrecht.....	20
Copene.....	24
Paes Mendonça.....	37
OAS.....	108
Petroquímica Camaçari.....	156
Armco Equipetrol.....	191
EDN - Estireno do Nordeste.....	205
Pronor.....	264
Politeno.....	265
Oxiteno Nordeste.....	272
Antártica Nordeste.....	284
Concic.....	291
Nitrocarbono.....	311
Ciquine Petroquímica.....	327
Alcan Nordeste.....	330
Deten.....	331
Polipropileno.....	340
Polialden.....	361
Brasileira Exportadora.....	371
Cobafi.....	374
Goes - Cohabita.....	394
Tibrás.....	399
Coopercacau Central.....	414
Barreto de Araújo Produtos de Cacau S.A. ....	436
Produtora de Alimentos.....	474

FONTE - Calculado com base em dados de *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, 1988, ver bibliografia.

Com relação às empresas estatais, a Bahia só participava com uma empresa, em 1974, dentre as 50 maiores do País, por venda. Era o caso da Coelba - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia. Em 1988, este número cresce para três, acrescentando-se à empresa já citada as firmas Carábia Metais e Nitrofértil.

### Participação da Bahia no Setor Financeiro Nacional

Considerando o maior envolvimento da Bahia no contexto geral da economia brasileira, já demonstrado anteriormente, faremos, a seguir, uma avaliação da evolução da participação da Bahia em diversos segmentos que compõem o setor financeiro do País.

A Tabela 18 mostra a distribuição das sedes dos maiores bancos brasileiros, por empréstimos, entre 1974 e 1988. Observa-se que, neste caso, a situação da Bahia perma-

necé inalterada no período, com dois bancos (Banco do Estado da Bahia e Banco Econômico). No período, melhora a posição do Banco do Estado da Bahia (de 23º para o 19º lugar), mas cai a do Econômico (de 18º para o 20º lugar).

Com relação aos bancos de desenvolvimento por empréstimo, a Bahia participa também na lista dos dez maiores bancos em 1974 (com o Desenbanco, em 6º lugar) e em 1988 (igualmente com o Desenbanco, mas agora em 4º lugar). A fonte destes dados é a mesma da tabela anterior.

Já a Tabela 19 mostra a repartição dos 20 maiores bancos de investimento, por empréstimo. Neste caso, a participação da Bahia duplica no período. O Econômico participa da relação em 6º lugar, em 1974, caindo para o 8º lugar, em 1988, enquanto que o Banco da Bahia Investimentos - BBM - só participa da lista de 1988, em 12º lugar.

TABELA 18  
OS 50 MAIORES BANCOS POR EMPRÉSTIMOS, SEGUNDO OS ESTADOS BRASILEIROS  
1974 e 1988

ESTADOS	NÚMERO DE BANCOS	
	1974	1988
São Paulo.....	17	20
Rio de Janeiro.....	8	4
Minas Gerais.....	5	4
Paraná.....	3	2
Bahia.....	2	2
Ceará.....	2	3
Distrito Federal.....	2	2
Pernambuco.....	2	2
Rio Grande do Sul.....	2	2
Pará.....	1	2
Amazonas.....	1	1
Espírito Santo.....	1	1
Goiás.....	1	1
Mato Grosso.....	1	1
Santa Catarina.....	1	1
Paraíba.....	1	-
Rio Grande do Norte.....	-	1
Alagoas.....	-	1

FONTE - Calculado com base em dados do *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1974 e *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam bancos na lista dos 50 maiores, por empréstimos.



TABELA 19  
OS 20 MAIORES BANCOS DE INVESTIMENTO POR EMPRÉSTIMO,  
SEGUNDO OS ESTADOS BRASILEIROS - 1974 e 1988

ESTADOS	NÚMERO DE BANCOS	
	1974	1988
São Paulo.....	8	10
Rio de Janeiro/GB.....	7	6
Bahia.....	1	2
Paraná.....	1	1
Rio Grande do Sul.....	1	1
Distrito Federal.....	1	-
Minas Gerais.....	1	-

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1974 e *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, 1988, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam Bancos de Investimento na lista dos 20 maiores, por empréstimo.

Analisando um outro segmento do setor financeiro, o das 15 maiores seguradoras, por prêmios, constata-se que a Bahia não participa da lista no ano de 1974, o que vai acontecer em 1988 com a entrada da Aliança da Bahia, em 13º lugar.

A Tabela 20 mostra a situação das 20 maiores distribuidoras de títulos e valores mobiliários, por patrimônio líquido. Em 1974, a Bahia só contava com a Distribuidora Econômico (9º lugar), enquanto que em 1988 participaram a Dibahia (17º lugar) e a BBM

(20º lugar). Com relação às 20 maiores corretoras de títulos e valores imobiliários, por patrimônio líquido, a Bahia não participava da listagem de 1974, o que passa a ocorrer em 1988 com a posição do Baneb em 13º lugar. Aumenta também a participação da Bahia nas 20 maiores empresas de crédito imobiliário, por aplicações. Em 1974, só participava a Tradição, em 6º lugar, enquanto que em 1988 temos a Casaforte, em 3º lugar, e o Baneb, em 11º lugar.

TABELA 20  
AS 20 MAIORES DISTRIBUIDORAS POR PATRIMÔNIO LÍQUIDO,  
SEGUNDO OS ESTADOS BRASILEIROS - 1974 e 1988

ESTADOS	NÚMERO DE DISTRIBUIDORAS	
	1974	1988
São Paulo.....	9	3
Rio de Janeiro/GB.....	4	8
Minas Gerais.....	3	2
Rio Grande do Sul.....	1	4
Bahia.....	1	2
Pernambuco.....	1	-
Paraná.....	1	-
Espírito Santo.....	-	1

FONTE - Calculado com base em dados de *Quem é quem na economia brasileira*. Edição especial de *Visão*, 1974 e *Melhores e maiores*. Edição especial de *Exame*, 1988, ver bibliografia.

NOTA - A ausência de dados indica os estados que não apresentam distribuidoras na lista das 20 maiores, por patrimônio líquido.

Concluindo estes comentários, é possível afirmar que a Bahia melhorou sua participação no setor financeiro nacional entre 1974 e 1988, mas não de forma tão significativa como ocorreu na distribuição das sedes das maiores empresas do País. Tanto assim, que a Bahia não participa ainda expressivamente de alguns segmentos do setor financeiro, como é o caso das maiores financeiras do País. Isto confirma que o setor financeiro continua extremamente concentrado no País, basicamente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

### A Região Metropolitana de Salvador no Contexto Estadual

Como já tivemos a oportunidade de mencionar, a participação das empresas sediadas na Região Metropolitana de Salvador, no contexto das maiores empresas do estado, é predominante. Isto pôde ser verificado, por exemplo, nas listas das maiores empresas da Bahia no contexto das mais importantes firmas do País.

Analisaremos, agora, esta questão de forma mais direta no sentido de comparar a importância das empresas localizadas na Região Metropolitana de Salvador no contexto estadual, com o objetivo de entender como

se distribui espacialmente a industrialização que se processou recentemente na Bahia, projetando-a no cenário nacional. A questão básica é saber se este processo implicou um forte aumento da polarização, em nível industrial, exercida pela Região Metropolitana de Salvador com relação a todo o Estado da Bahia.

Trabalhando com dados da federação das Indústrias do Estado da Bahia, verificamos que, em 1974, das 200 maiores indústrias do estado, 154 se localizavam na Região Metropolitana de Salvador, caindo este número para 138 empresas industriais em 1989.

A Tabela 21 mostra uma comparação entre os anos de 1974 e 1989 com base no faturamento anual, mão-de-obra, área construída e consumo de energia. É preciso considerar que este período abrange justamente o grande crescimento da industrialização na Região Metropolitana de Salvador, sobretudo com a implantação das unidades do Pólo Petroquímico de Camaçari. Com base nisto, seria normal esperar que a participação das indústrias metropolitanas aumentasse ainda mais no conjunto das 200 maiores unidades industriais do estado.

TABELA 21

COMPARAÇÃO ENTRE AS INDÚSTRIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR COM RELAÇÃO AO TOTAL DAS 200 MAIORES INDÚSTRIAS DO ESTADO - 1974 - 1989

ELEMENTOS DE COMPARAÇÃO	ESTADO DA BAHIA		REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR		PERCENTUAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR EM RELAÇÃO AO ESTADO DA BAHIA	
	1974	1989	1974	1989	1974	1989
Total de indústrias .....	200	200	154	138	* 77,0	69,0
Faturamento anual(1).....	7 864 103	3 027 043	7 025 576	2 710 535	89,3	89,5
Mão-de-obra (total).....	87 113	117 972	72 343	84 221	83,0	71,4
direta.....	73 803	94 993	63 772	66 846	86,4	70,4
indireta.....	13 310	22 979	8 571	17 375	64,4	75,6
Área construída (m <sup>2</sup> ) .....	4 514 574	4 688 617	4 211 986	3 057 740	93,3	65,2
Consumo de energia (10 <sup>3</sup> kWh)	782 219	5 826 279	723 381	3 769 025	92,5	64,7

FONTE - Calculado com base em dados da Federação das Indústrias do Estado da Bahia. Departamento de Promoção Industrial. *As 200 maiores indústrias da Bahia*. Salvador, 1974 e 1989.

(1) Valores em Cr\$ 1.000 para 1974 e Nz\$ 1.000 para 1989.

Analisando a tabela item a item, observa-se o seguinte:

- em termos de faturamento, o percentual da região metropolitana fica praticamente o mesmo (89,3 contra 89,5), apesar de o número de empresas metropolitanas ter diminuído na lista das 200 maiores indústrias do estado, indicando o maior porte econômico-financeiro das unidades metropolitanas;

- decresce a participação da mão-de-obra metropolitana no total e na que é empregada diretamente, mas cresce a participação da mão-de-obra indireta em 1989, o que indica o caráter propulsor da nova industrialização metropolitana;

- decresce significativamente a área industrial construída na Região Metropolitana de Salvador, em termos relativos; e

- decresce, também expressivamente, o consumo de energia industrial na Região Metropolitana de Salvador com relação ao resto do estado, entre 1974 e 1989.

Com isto, observa-se que, ao contrário do que imaginamos anteriormente, a moderna industrialização metropolitana não significou um aumento no desequilíbrio intra-regional quanto à localização industrial. Ocorreu, de forma inversa, uma redução da primazia metropolitana em quatro itens importantes (mão-de-obra total, mão-de-obra direta, área construída e consumo de energia) e uma estabilização quanto ao faturamento.

Isto significa que cresceu, em termos relativos, a importância das indústrias interiores, o que é altamente significativo nos aspectos econômico-espaciais.

Esta questão pode ser vista espacialmente nas Figuras 26 e 27.

FIGURA 26  
DISTRIBUIÇÃO DAS 200 MAIORES INDÚSTRIAS DA BAHIA - 1974

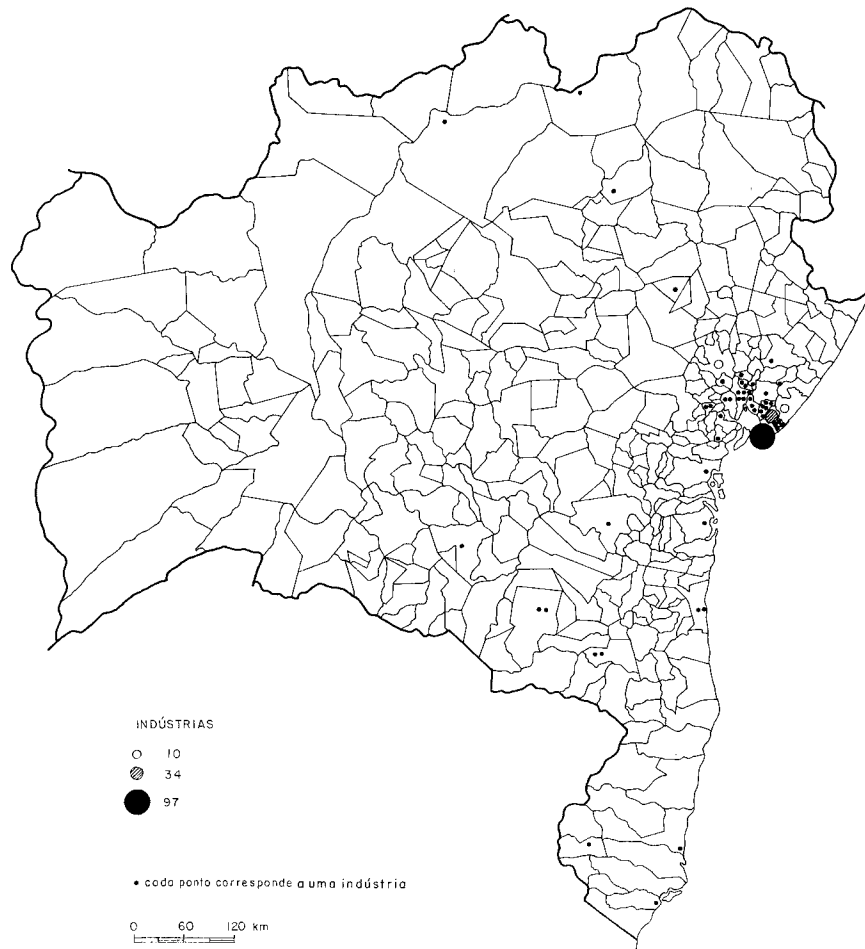
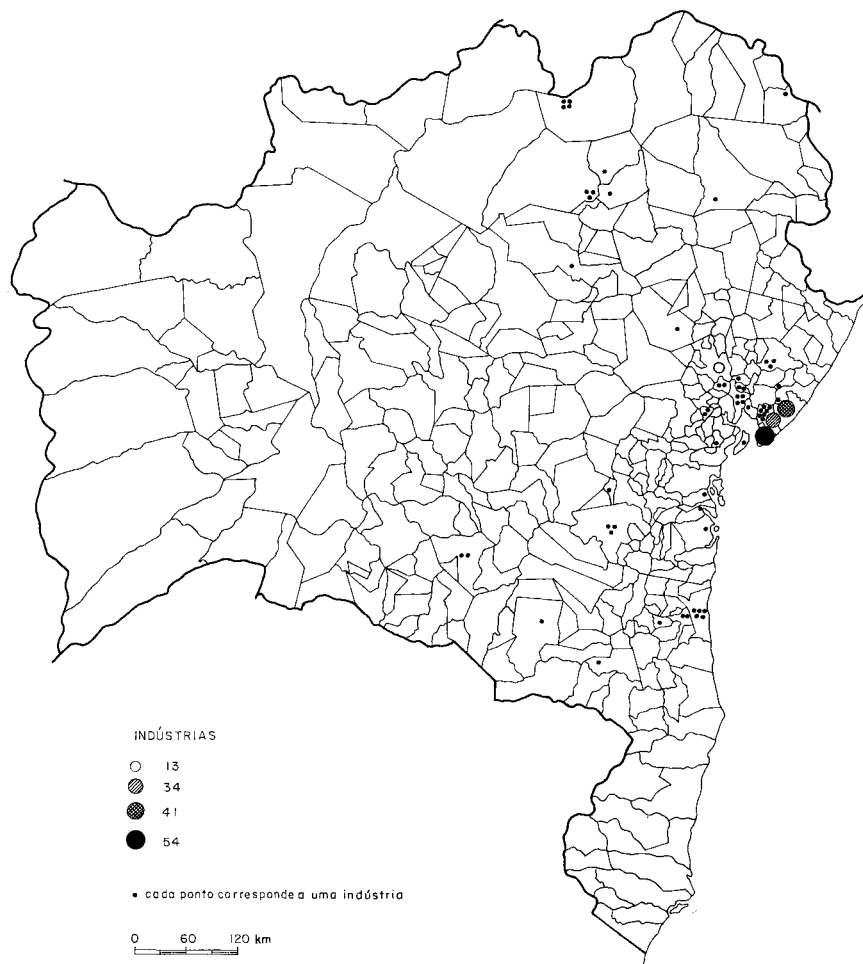


FIGURA 27  
DISTRIBUIÇÃO DAS 200 MAIORES INDÚSTRIAS DA BAHIA - 1989



Nota-se, inicialmente, que Salvador detinha 97 das maiores indústrias do estado em 1974 (48,5%), passando para 54 em 1989 (27,0%). Neste último ano, a proporção de Salvador com relação aos 2º e 3º centros industriais, em ordem de importância, também decresceu. Camaçari assume o 2º lugar em 1989, com o Pólo Petroquímico, e Simões Filho, com o Centro Industrial de Aratu, mantém o mesmo número de indústrias do que em 1974, passando para o 3º lugar. Em 1989, o 4º lugar pertence a Feira de Santana, com o Centro Industrial do Subaé, aumentando sua participação de 10 para 13 indústrias no conjunto das 200 maiores do estado.

Observa-se, também, uma ligeiramente maior dispersão industrial em 1989 com relação a 1974, com uma redução da concentra-

ção industrial no Recôncavo, em termos gerais, passando a existir áreas com certa importância, como em Ilhéus-Itabuna, Jequié e Juazeiro-Campo Formoso.

## CONCLUSÃO

As análises efetuadas permitem afirmar que Salvador, sua região metropolitana e o Estado da Bahia passaram por grandes transformações nas últimas décadas. O Estado da Bahia rompeu um longo período de estagnação econômica, com a industrialização e o crescimento agroindustrial em várias regiões. A região de influência imediata de Salvador, após uma fase de pouco dinamismo,

inclusive demográfico, conhece um amplo processo de mudanças com a implantação de pólos industriais de grande porte e a cidade de Salvador passa de uma situação de típica metrópole comercial e administrativa, de caráter regional, para a de uma metrópole de importância nacional, em termos econômicos, onde decisões de importância nacional são tomadas. Em resumo, a Região Metropolitana de Salvador, como sede de empresas de grande porte, integradas aos mercados interno e externo, passou a ter uma

importância cada vez maior na vida econômica do País. Entretanto, isto não significou um aumento da polarização de Salvador em nível intra-estadual.

Como explicar estas mudanças tão fortes, identificadas, neste trabalho, pelos indicadores de população e da vida empresarial?

A título de esquema conclusivo foi construído um quadro que insere as transformações recentes ocorridas na Bahia no âmbito do dinamismo recente da organização econômico-espacial do Brasil (Quadro). Ou seja, pa-

QUADRO  
DINAMISMO RECENTE DA ORGANIZAÇÃO ECONÔMICO-ESPACIAL DO BRASIL

PROCESSOS GERAIS	CARACTERÍSTICAS GERAIS
1. Processos de ordem político-estratégico	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) implementação de uma política de desenvolvimento liderada pelo setor industrial visando a substituir importações e romper com o modelo primário-exportador, através do fortalecimento do Estado e da integração nacional, dentro de um contexto de afirmação do País no quadro das relações internacionais, com maior abertura ao capital externo;</li> <li>b) valorização do planejamento setorial e espacial, destacando-se, no primeiro caso, a política de fortalecimento de atividades estatais atuando direta ou indiretamente em infraestrutura, produção industrial, produção agrícola e serviços especializados e, no último caso, a política de fixação de mecanismos de desenvolvimento regional e execução de projetos especiais de grande porte; e</li> <li>c) política de descentralização com a "marcha para o oeste"; transferência da capital para Brasília; fixação de estratégias geopolíticas para a região norte.</li> </ul>
2. Processos de ordem econômico-social	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) progressiva integração do mercado produtivo nacional com base no dinamismo do processo de industrialização;</li> <li>b) diversificação e modernização de parte expressiva da agropecuária com a conseqüente expansão da agroindústria (formação do complexo agroindustrial);</li> <li>c) ampliação e diversificação do setor de serviços; e</li> <li>d) agravamento dos desequilíbrios sociais.</li> </ul>
3. Processos de ordem espacial	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) expansão da fronteira econômica com dinamização generalizada do processo de urbanização repercutindo na ampliação e no fortalecimento do sistema urbano nacional;</li> <li>b) importantes processos migratórios inter-regionais e intra-regionais;</li> <li>c) reforço da metropolização com crescimento da base industrial e das relações intermetropolitanas a nível nacional;</li> <li>d) conseqüente integração espacial, em escala nacional, possibilitada pelo desenvolvimento do sistema de transporte, com destaque para os setores rodoviário e aeroviário e comunicações, especialmente telecomunicações; e</li> <li>e) persistência de graves desequilíbrios regionais.</li> </ul>

ra entender o que vem ocorrendo na Bahia é preciso compreender as características gerais das mudanças na organização econômico-espacial do País como um todo, destacando a natureza dos processos político-estratégicos, econômico-sociais e espaciais.

Com a compreensão de que Salvador e o Estado da Bahia se inserem no quadro geral das mudanças político-estratégicas e econômico-sociais do Brasil, é possível retornar à nossa hipótese inicial. Repetindo: com a progressiva integração e homogeneização dos processos de transformação, as grandes diferenças de crescimento tenderiam a diminuir?

Considerando os resultados obtidos, pode-se dizer que Salvador conseguiu efetivamente reduzir, em termos demográficos, o elevado grau de primazia metropolitana, e o Estado da Bahia, liderado pela Região Metropolitana de Salvador, melhorou substancialmente sua posição na distribuição das ativi-

dades de direção empresarial. Estas mudanças são as mais expressivas no conjunto das regiões periféricas do País, como destaca também Holanda (1990) para o setor industrial.

Portanto, o crescimento ocorrido em Salvador e áreas adjacentes, apoiado em pólos industriais de grande porte, coloca esta região, em nossos dias, com um grau de importância nacional e internacional bem maior. Entretanto, não se deve ainda falar em reversão da polarização, mas sim ressaltar o papel destas relevantes transformações no quadro do dinamismo econômico-espacial do Brasil (v. a respeito: Lee, 1985, e Diniz & Lemos, 1986). Com a continuidade destas mudanças e com a implementação de medidas estratégicas, é possível imaginar, finalmente, que uma redução da polarização ainda mais expressiva poderá ocorrer a médio prazo, o que, há algum tempo, seria difícil de conceber.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. Correia de. Espaço, Polarização e Desenvolvimento. Uma Introdução à Economia Regional. São Paulo: ATLAS, 5ª ed., 1987.
- AS 200 MAIORES INDÚSTRIAS DA BAHIA. Salvador: Federação das Indústrias do Estado da Bahia, Departamento de Promoção Industrial, 1974 e 1989.
- AZZONI, C. R. Indústria e Reversão da Polarização no Brasil. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1986.
- BORCHERT, J. R. Major Control Points in American Economic Geography. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 68:214-232, 1987.
- CENSOS DEMOGRÁFICOS 1872-1980. Rio de Janeiro: IBGE.
- CLAVAL, P. La Logique des Villes. Paris: Librairies Techniques, 1981.
- CORDEIRO, H. Kohn. O Papel da Região Metropolitana de São Paulo entre os Principais Pontos de Controle da Economia Transacional no Espaço Brasileiro. *Ciência e Cultura*. São Paulo, 40(3):238-257, mar., 1988.
- CORRÊA, R. Lobato. Contribuição ao Estudo do Papel Dirigente das Metrôpoles Brasileiras. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 30(2):56-87, abr./jun., 1968.
- \_\_\_\_\_. Concentração Bancária e Centros de Gestão do Território: o caso do Brasil. In: II ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA. Montevideo, Uruguay, p. 45-53, 27-31 de março de 1989.
- DINIZ, C. Campolina; LEMOS, M. Borges. Mudança no Padrão Regional Brasileiro: determinantes e implicações. *Análise Conjuntiva*. Curitiba, 8(2):32-42, fev., 1986.
- GERARDI, L.H. de Oliveira; SILVA, B.C. Nentwig. *Quantificação em Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1981.
- GORE, C. *Regions in Question*. London and New York, Methuen, 1984.
- HAUTREUX, J.; ROCHEFORT, M.; LECOURT, R. Le Niveau Supérieur de l'armature Urbaine Française. Paris: Ministère de la Construction, 1963.

- HOLANDA, N. Uma Política de Desconcentração Industrial para o Brasil. In: VELOSO, J. P. de R. (Coord.) et al. *A Nova Estratégia Industrial e Tecnológica: o Brasil e o mundo da III revolução industrial*. Rio de Janeiro: J. Olympio, p. 223-269, 1990.
- LEE, Y. Joo. The Spatial Structure of the Metropolitan Regions of Brasil. *World Bank Staff Working Papers*. Washington, 722, 1985.
- LE FILLATRE, P. La Puissance Économique des Grandes Agglomérations Françaises. *Études et Conjonctures*. Paris, p. 3-30, 1964.
- LIPIETZ, A. O Terciário, Arborescência da Acumulação Capitalista: proliferação e polarização. *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, 16:1-32, 1986.
- MELHORES E MAIORES. *Revista EXAME*. São Paulo: Abril, set., 1974, 1985, 1988. (Edição especial).
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - PNAD - 1987. Regiões Metropolitanas. Rio de Janeiro: IBGE, v. 11, t. 2, 1988.
- QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA. *Revista VISÃO*. São Paulo, ago. 1974, 1985, set. 1988 (Edição especial).
- RICHARDSON, H. W. Polarization Reversal in Developing Countries. *Papers of the Regional Science Association*, 45, 1980.
- ROCHEFORT, M. Les Activités Tertiaires et Leur Rôle Dans l'organisation de l'espace. Paris, Sedes, v.1, 1976.
- SANTOS, M. Crescimento Nacional e Nova Rede Urbana: o exemplo do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 29(4):78-92, out./dez., 1967.
- SILVA, S. C. Bandeira de Mello e. O Sistema Urbano de Salvador e sua Inserção no Contexto Nacional. *Geografia*. Rio Claro, 10(19):41-59, abr., 1985.
- SILVA, B. C. N. Dinâmica do Crescimento Demográfico Urbano e Rural no Estado da Bahia: 1940-1980. *Geografia*. Rio Claro, 14(27):67-76, abr., 1989.
- STEPHENS, J. D. Metropolitan Areas as Decision-making Centers. In: CHRISTIAN, C. M.; HARPER, R. A. (orgs.). *Metropolitan Systems*. Columbus, CEM Publ. Co., p. 112-146, 1982.

## RESUMO

O trabalho compara o crescimento demográfico de Salvador e de sua região metropolitana com o de outras capitais e regiões metropolitanas do País e analisa as mudanças ocorridas na distribuição das principais empresas públicas e privadas que atuam no Brasil, destacando a posição de Salvador e do Estado da Bahia. Graças ao dinamismo urbano-industrial das últimas décadas, Salvador e sua região metropolitana melhoraram sua posição demográfica no País, e o Estado da Bahia passou a ocupar um lugar de maior relevo no contexto das maiores empresas brasileiras.

## ABSTRACT

This paper compares the demographic growth of Salvador and its metropolitan region with the growth of the Brazilian's capitals and metropolitan regions and measures also the changes in the spatial distribution of private and public enterprises in the country, detaching the position of Salvador and Bahia. Due to the urban-industrial dynamism of the last decades, Salvador and its metropolitan region improved its demographic position in Brazil and the State of Bahia became a more important area in the context of the biggest Brazilian corporations.